

A Constituinte

Pedido de Sarney, PMDB e PFL: confiança.

A atual crise econômica, na opinião do presidente Sarney, será superada em breve. "Apesar das dificuldades, a situação não é catastrófica", garantiu ele ontem, procurando tranquilizar os senadores do PFL que foram ao Planalto levar um documento do partido com propostas de solução para a dívida externa e as questões econômicas internas. "O País logo vai superar suas dificuldades", insistiu Sarney. "O Brasil ganhou mais de 33 milhões de consumidores e o desemprego continua caindo. Por isso mesmo o Plano Cruzado não vai acabar."

Para provar que a atual situação não é um caso perdido, Sarney foi buscar um exemplo na década de 50 — e invocou o testemunho do senador Afonso Arinos (PFL-RJ). Sarney fez referência à oposição que Carlos Lacerda então fazia, anunciando sempre que o Brasil estava "à beira do abismo". "O Lacerda dizia sempre que iríamos todos para o abismo, mas o País nunca caiu no abismo e dizíamos isso a ele", recordou o presidente. Com bom humor e presença de espírito, Lacerda costumava responder: "Não caímos no abismo porque roubaram o abismo".

Diante do exemplo, os senadores Divaldo Suruagy, José Agripino e Odacir Soares se apressaram em dizer que mantêm a confiança no governo, mas não deixaram de reclamar seu papel como parceiros da Aliança Democrática — e fizeram queixas do PMDB. "O PMDB continua tratando mal o PFL", reclamaram. "Os ministros do PMDB continuam discriminando os parlamentares do PFL, e conversam e trocam informações apenas com os deputados e senadores do PMDB."

Mantém a confiança no governo é também uma palavra de ordem no PMDB, embora com algumas críticas. Na reunião que a Executiva Nacional do partido tem marcada para hoje, a agremiação pretende tomar algumas posições, entre elas a de que é contra qualquer política recessiva que implique na redução dos salários e na queda do nível de emprego.

A economista Maria da Conceição Tavares, 2ª secretária do partido, acusa os setores conservadores de estarem liderando o que ela chama de "uma desconfiança programada", com o objetivo de confundir a população e vender a "antiga e falsa ideia de que só se resolve crise econômica com recessão". "O programa do nosso partido não aceita a recessão", disse ela. "O presidente Sarney já disse que não vai haver recessão. Portanto, estou convencida de que o gatilho salarial será mantido e que as conquistas sociais serão ampliadas. Foi para isso que chegamos ao poder e é por isso que apoiamos o governo Sarney."

Conceição Tavares também não concorda com a proposta de moratória. Mas admite que a crise mundial criou um "momento propício" para o Brasil "pagar o que puder" da dívida externa e "suspender o resto". "As dificuldades para renegociar a dívida

obter novos empréstimos não serão resolvidas com a vonta do FMI".

O ministro da Previdência, Raphael de Almeida Magalhães, também acredita que o governo está enfrentando pressões de setores interessados em que o País opte por uma política recessiva. "Mas essas pressões estão enfrentando a barreira do PMDB, que dedica absoluta solidariedade ao governo, advertiu. Quanto à crise, Magalhães acha que essas pressões produzem uma ideia de que ela é maior: "É necessário que a população se dê conta de que a recessão e o desemprego, além da baixa de salários, é que está por trás dessa proposta".

Convocação

Para explicar a crise e eventualmente

tranquilizar os mais inquietos, o líder do PDT na Câmara, Brandão Monteiro, apresentou ontem um requerimento em que propõe a convocação do ministro da Fazenda, Dilson Funaro — e acabou provocando uma grande agitação no final da sessão da Constituinte. O PMDB e o PFL não assinaram o documento, que acabou levantando uma outra polêmica: a Constituinte foi convocada só para fazer a nova Constituição ou pode também se investir de poderes e atribuições normais do Congresso?

O PMDB, defendendo a situação, foi contra a convocação de Funaro. "Amanhã ou depois, como poderemos reclamar da presença do ministro Brossard no plenário?", justificou o deputado Herrmann Neto (PMDB-SP), referindo-se claramente ao fato

de, no dia anterior, o ministro da Justiça ter passado horas no Plenário conversando com os constituintes. Mas foi contestado: a deputada Rose de Freitas (PMDB-ES) disse não ser esse o pensamento da bancada e que entende que cabe à Constituinte examinar qualquer assunto.

A discussão prosseguiu mesmo com a chegada do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, que, no entanto, preferiu não decidir a questão: alegou que o tempo já estava esgotado e prometeu uma decisão para amanhã. As críticas do PMDB e do PFL ao governo prosseguiram. Tanto que quando chegou sua vez de ocupar a tribuna, o líder do PDS, Amaral Neto, resolveu desistir: "Os líderes do PFL e do PMDB já disseram tudo", constatou e sentou-se.

ULYSSES REAGE AOS INSULTOS DA TVS

Ao abrir ontem a sessão da Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães informou ao plenário das providências preliminares por ele tomadas em face dos "insultos, doestros e injúrias" veiculados pelo Programa Hebe Camargo, da TVS, e que, segundo ele, "mais do que

os constituintes, atingiram a própria instituição". Ulysses recebeu, na ocasião, a solidariedade do vice-líder de plantão na bancada do PMDB, deputado João Hermann (SP). Na oportunidade, o deputado Arruda Sampaio (PT-SP) propôs a Ulysses a requisição

de rede de rádio e televisão, em horário nobre, por 15 minutos, para pessoalmente esclarecer o País sobre os trabalhos da Constituinte. — A instituição foi ultrajada — falou Ulysses — talvez por por levandando, o que é inadmissível num

meio de comunicação que atinge grandes áreas da população. A TVS já pediu desculpas a Ulysses, mas mesmo assim ele pediu ao ministro Antônio Carlos Magalhães a requisição das fitas para as medidas legais contra o cronista "Giba Um", autor das ofensas.

Freitas Nobre



Ulysses e a odisséia das presidências

Alguns leitores me escreveram pedindo que desse "um palpite" sobre a eleição do deputado Ulysses Guimarães para a presidência do PMDB.

Um deles entende que posso tirar uma conclusão provável do desfecho da controvérsia.

Parece-me que já estão montando bancas de aposta para o resultado. Ulysses presidente da Constituinte, da Câmara, vice-presidente da República em consequência, e presidente do PMDB.

Para responder, permito-me alguns detalhes a respeito do Dr. Ulysses, como o chama o moderado Thales Ramalho, hoje ministro do Tribunal de Contas da União.

Sua principal característica é a frieza com que enfrenta situações delicadas e a forma, às vezes desconcertante, com que reage às agressões, mesmo de companheiros.

Na sua sala da presidência do PMDB, na Câmara, entrou um dia, o deputado João Cunha que vinha lhe fazendo pela imprensa

uma série de críticas. Era a época acesa de uma divergência entre autênticos e moderados.

Ao entrar em sua sala, e chamando-o de estadista, Ulysses foi se levantando, erguendo os braços e dizendo:

João, como desejaria que você dissesse aqui o que você fala lá fora e falasse lá fora o que você diz aqui...

Mas, o curioso era quando Ulysses lançava armas com Tancredo, ambos vindos de uma mesma escola partidária e com tantos anos de janelas parlamentares.

Durante a campanha das diretas, Ulysses em Teresina, no mesmo hotel em que se encontrava o então vice-presidente da República, Aureliano Chaves, teve notícia de insatisfações militares. Os telefones ficaram congestionados. Os assessores de Aureliano e o próprio vice, monopolizavam os circuitos e a telefonista do hotel.

Afinal, Ulysses conseguiu uma linha para o Palácio do Governo em Minas Gerais, onde Tancredo pontificava.

Tancredo, correm notícias preocupantes. Os militares estão tranquilos?

Depois de uma prudente pausa mineira, o governador Tancredo Neves que não ignorava que os telefones estavam grampeados quebrou o silêncio, repentinamente várias vezes a mesma frase:

Ulysses, aproveite o tempo, aí. Ponha um calção e vá para a praia.

Afinal, Ulysses entendeu o conselho, até porque Teresina é uma capital longe do mar...

Sua sensibilidade foi colocada à prova seguidas vezes e, por certo, não será agora na Constituinte que ela vai falhar.

Como a tradição peessedista que ele soube conservar, explorar e estimular, atravessou horas difíceis.

Mas é esse Ulysses frio e calculista, presidente da Constituinte e da Câmara, que o stress surpreendeu por duas vezes, mas que fica um joem quando o tóxico do poder o afaga na volúpia das presidências. Aliás, até Totônio Vilela não escapava desse envolvimento. Gravemente enfermo e substituindo Ulysses estressado, durante 30 dias, virou um menino e correu na campanha da anistia tantos presidios que perdeu a conta do seu número!

No dia que lhe traçaram o perfil, essas detalhes serão uma gota d'água na sua longa trajetória que começou na velha Academia do Largo de São Francisco e no patrocínio amigo do embaixador José Carlos de Macedo Soares que lhe perseguiu, certamente, a vocação política que veio desaguar na Constituinte de 1987.

Pois este homem que só costuma entrar na briga quando percebe que tem condições de vencer, embora não tenha sido fácil para Tancredo desencarná-lo da obstinação da Presidência da República, quando a campanha das diretas ajustou-se pragmaticamente ao instrumento do colégio eleitoral, não precisa concorrer à chefia do PMDB.

Ele é o presidente.

Pelo artigo 8º do Estatuto do PMDB, estão proibidos de pertencerem às Comissões Executivas Nacional, Estadual e Municipal, o presidente da República e o seu vice; os ministros de Estado, governadores e vices, secretários de Estado, prefeitos e vice-prefeitos.

Ulysses não é o vice-presidente da República escolhido na conformidade da legislação já revogada do Colégio Eleitoral que fez a chapa Tancredo-Sarney. É um eventual substituto do chefe da Nação na condição de presidente da Câmara e, assim, só estará obrigado a afastar-se da Comissão Executiva Nacional na hipótese de assumir a Presidência da República.

Quando em algumas ocasiões substituiu o presidente Sarney, ele se afastou da referida Comissão, assumindo a presidência da mesma o 1º vice-presidente.

A Comissão Executiva Nacional é escolhida pelo Diretorio Nacional entre seus integrantes e tem um mandato de dois anos que, por sinal, ainda está em curso. O artigo 32 do Estatuto partidário, em seu parágrafo 1º, determina que os suplentes assumirão automaticamente na ordem de colocação as vagas dos titulares impedidos. Esse impedimento ou vacância só ocorre em caso de morte, renúncia ou disposição legal, na conformidade do que dispõe o parágrafo 4º do mesmo artigo.

Além disso, prevê o Estatuto um prazo de 30 dias a partir da vacância para que as vagas sejam preenchidas. Ora, os governadores que tomaram posse dia 15 de março ainda não renunciaram às posições que ocupam na Executiva Nacional e, assim, o prazo para o preenchimento dessas vagas — e apenas destas — vai até 15 de abril.

Dessa forma, o Diretorio convocado para a eleição dos vice-presidentes que se elegeram para os governos estaduais vai apenas preencher estes cargos.

A presidência não está vaga. Isto quer significar que Ulysses permanece presidente do PMDB antes, durante e depois da reunião do Diretorio a ser convocado pela Comissão Executiva Nacional.

Finalmente, a resposta: tendo Ulysses um primetiro-vice-presidente que lhe dá tranquilidade, pedirá uma licença durante o período de duração da Constituinte.

Mas isso não o impedirá de reassumir, a qualquer momento, a presidência, que continua sua...

MINISTÉRIO

A reforma é mais psicológica, diz o ministro. Mas pode ajudar.

A reforma ministerial como caminho para resolver a crise econômica e política é uma questão que só o presidente Sarney pode decidir. Mas apesar de defender esse ponto de vista, o ministro da Previdência, Raphael de Almeida Magalhães, acredita que a reforma tem um aspecto psicológico mais profundo que propriamente causas efetivas. Por isso, ele negou ontem que o assunto da reforma ministerial significaria a existência de divisão dentro do governo: "Todos são responsáveis pela administração das dificuldades e problemas que se acumularam ao longo do tempo".

Mesmo com o desmentido de Raphael de Almeida Magalhães tem sido impossível evitar especulações a respeito da substituição ou remanejamento dos ministros. Uma delas foi a reunião que o ex-ministro Armando Falcão teve ontem com o ex-presidente Geisel e o empresário Roberto Marinho, além do governador cearense Gonzaga Motta. Segundo se comentou, eles teriam estudado a indicação de um substituto para o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que estaria demissionário.

"Não houve nada disso e eu nem mesmo tenho informações sobre a demissão do ministro Antônio Carlos", negou ainda ontem Armando Falcão. Segundo ele, a reunião no escritório de Geisel serviu apenas para conduzir Gonzaga Motta, "que quer se despedir de algumas pessoas no final de seu mandato".

Além de desmentidos sobre eventuais possibilidades de reforma, houve também protestos. O PFL mineiro, divulgou uma nota oficial em que condena os peemedebistas que criticaram o ministro Aureliano Chaves, por ter apontado falhas na política econômica do governo. "Os que se arvoram em censores do ministro revelam desprezo a memoráveis acontecimentos da história de nossos dias", diz o documento do PFL.

A nota denuncia ainda que o ministro tornou-se vítima do "farisismo político". "As críticas ao ministro têm um nítido caráter tendencioso e estão destituídas de inspiração patriótica."

ALIANÇA

O PTB diz o que quer: um Ministério, um governo...

A participação no Conselho Político do governo, uma Pasta ministerial e a nomeação do deputado Otomar Pinto para o governo do Território de Roraima são algumas das reivindicações do PTB, que deverá integrar a Aliança Democrática, com o PMDB e o PFL, somando mais 19 constituintes no apoio ao governo Sarney — 18 deputados e um senador.

Para o PTB seria muito importante integrar o Conselho Político, ao lado dos ministros da Justiça e Casa Civil e dos líderes do PMDB e do PFL na Câmara e no Senado. Se o governo desejar a participação efetiva do PTB isso só seria aceito "a nível ministerial" — segundo revelou um dos seus dirigentes.

Além disso o PTB, que conseguiu quase 60% dos votos de Roraima — elegeu Otomar Pinto e Mariuce Pinto (marido e mulher) deputados constituintes — vai defender a elevação desse território a Estado. Enquanto isso vai pedir ao presidente Sarney a indicação de Otomar Pinto — que já ocupou o cargo — para o governo do território federal.

Tudo isso, porém, deverá ser definido na reunião marcada para hoje à tarde entre o presidente Sarney e a bancada petebista. A reunião foi acertada ontem entre o líder do governo, Carlos Sant'Anna, e o líder petebista Gastone Righi, que admitiu, entretanto, "pequenas divergências" na bancada em torno da decisão de compor a Aliança Democrática.

Righi negou também que seu partido esteja pleiteando cargos no governo federal, admitindo apenas o desejo de participar do Conselho Político: "Os pontos de identidade são claros, independentes de quaisquer condições", disse Righi sobre seu encontro com Sant'Anna. "Entendi que o presidente quer ampliar a Aliança Democrática e que o PTB terá assento no Conselho Político do governo."

O coordenador da bancada do PMDB gaúcho, Léléo de Souza, reiterou a disposição de divulgar nota de protesto contra a adesão do PTB ao governo, considerando-a de "natureza fisiológica". Ainda segundo Léléo de Souza, a bancada do PMDB de São Paulo também está apresentando restrições à anunciada adesão do PTB à Aliança Democrática.

Já o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, presidente de honra do PFL, voltou ontem, em Santa Barbara-MG, a opinar sobre a Aliança Democrática e o apoio ao governo Sarney. Disse que "cabe à Aliança Democrática dar sua contribuição para que se consolide o processo político da Nova República, cujo nascimento ela tornou possível. Mas para isso é preciso que haja uma parceria e não uma vassalagem".

Otimista, o ministro da Educação, também do PFL, Jorge Bornhausen, previu que a Aliança Democrática ainda vai-se entender e ultrapassar essa fase que sucede aos resultados eleitorais. Ele acha que seu partido e o PMDB superarão as dificuldades existentes, prevalecendo o bom senso, não faltando apoio ao presidente José Sarney.